



STREIS.

"JÁ DEI O QUE DE BOM TINHA PARA DAR"

Com 35 anos, o lateral colocou um ponto final na carreira. Fê-lo de forma ponderada, mesmo que sentisse que ainda pudesse jogar mais uma ou outra época. Fez o caminho das pedras da terceira divisão até ao At. Madrid, sofreu lesões graves, mas foi a tempo de ser campeão pelo Benfica, o clube do coração. Posto isto, não tem dúvidas: O balanço é muito positivo

ENTREVISTA

SÍLVIO

CONFESSIONÁRIO

Record

VALTER MARQUES

R O que o fez, a poucos meses de fazer 36 anos, decidir terminar a carreira?

SÍLVIO - Senti que era a altura certa. Sinto que já dei o que de bom tinha a dar ao futebol. Daqui para a frente, só iria estragar o que de bom fiz. Fisicamente, já não me sinto como há uns anos. Mentalmente, também não. Desmotivei-me pelo treino, que era uma coisa pela qual era apaixonado. Este ano senti que já me cansava demasiado do treino e só o jogo me motivava. Mas numa carreira de futebolista há muitos mais treinos que jogos.

R Terminou a época a titular no Vilafranquense e um colega seu disse-me que ficou surpreendido, pois fisicamente, tinha condições para continuar a jogar.

S - Tenho noção que conseguia continuar mais 2 ou 3 anos, mas a maneira que gosto de andar no futebol é motivado. Este ano já não era o mesmo. Já me custava levantar para ir treinar.

R Para essa desmotivação teve importância o contexto, o facto de estar numa 2.ª Liga?

S - Também. É uma coisa que me desmotivava. Por mais que fizesse, muito dificilmente iria para uma primeira liga. Isso também foi um dos motivos.

R Foi difícil dar esse passo?

S - O ano passado, quando saí do V. Guimarães, senti que podia ser o fim, mas estava a custar-me. Depois assinei este contrato, já foi um ano a preparar-me. Sabia que no final desta época iria terminar a carreira. Fiz um curso de direção desportiva e já estava preparado para isto. A última semana, o último treino causou mais ansiedade, mas é normal.

R Teme sentir falta da rotina?

S - Sim, da rotina e do ambiente no balneário. Aqueles momentos antes, do pequeno-almoço, as brincadeiras com os colegas.

R Qual o balanço que fazes?

S - É muito positivo. Sempre soube que iria ser jogador profissional. Nunca tive dúvidas disso, nem quando fui para a terceira divisão. Foi uma grande certeza que tive desde miúdo. E o meu sonho era chegar à primeira liga. Quando fui do Odivelas para o Rio Ave podia terminar a carreira, pois tinha cumprido o meu objetivo. Depois chegas a esse patamar e sabes que podes ir mais longe. E assim aconteceu.

R Tirou o curso de diretor-desportivo, isso significa que quer continuar ligado ao futebol?

S - É algo com que me identifico. Não tirei curso de treinador, respeito o trabalho deles, mas não é para mim. Mas direção desportiva, licenciamento, são áreas de que gosto. Agora vou descansar, depois verei o que acontece no futuro.



CONFESSIONÁRIO
Record

ENTREVISTA **SÍLVIO**

"ESTAVA NO BENFICA, FUI AO CHELSEA E VOU PARA O AT. CACÉM"

R Vamos ao início. Como chegou à formação do Benfica?
SÍLVIO - Jogava na rua e num clube do bairro. Estava em casa e o meu pai pergunta-me se quero ir fazer treinos de captações ao Benfica, que era o meu clube e da minha família. Disse que sim. Fui selecionado e fiz toda a minha formação lá.

R Foram anos felizes? Ainda guarda amigos dessa altura?
S - Foram os melhores anos. E ainda temos um grupo de Whatsapp com jogadores desse tempo. Ainda falamos. Os únicos que chegaram a um nível superior fui eu e o Pedro Correia, que esteve no V. Guimarães.

R Talvez o seu primeiro grande revés foi quando percebeu que não ia passar da formação para a equipa principal do Benfica.
S - Custou muito. Foram 12 anos da minha vida ali. Chorei bastante, mas sempre com força, sabia que ia chegar a profissional.

R Nunca desmotivou?
S - Isso nunca aconteceu. Fui-me abaixo nos primeiros dias. Foi como se me dessem uma facada. Não me lembrava de mim antes

"CUSTOU MUITO [SAIR DO BENFICA]. FORAM 12 ANOS. CHOREI BASTANTE, MAS SABIA QUE IA CHEGAR A PROFISSIONAL"

dos seis anos, sem a camisola do Benfica. Dizerem-me que já não faço parte do Benfica foi muito duro. Mas eu sabia que era bom, sentia que era melhor que os outros. Sabia que não tinha ficado, pois tinha sido uma injustiça.

R Recomeça no At. Cacém?
S - Eu antes ainda fui fazer testes ao Chelsea e ao Portsmouth. Mas não fiquei.

R Tinha a expectativa de ficar?
S - Sim, cheguei a ter essa expectativa. Não sei se era loucura minha, mas achava que era mesmo o melhor nos treinos. Talvez por ser franzino não me tenham escolhido. O futebol inglês, na altura, era ainda mais físico.

R Mas foi convidado para ser visto em Inglaterra?

S - Arranjaram-me a oportunidade no Chelsea. Fiquei uma semana lá. Depois, o Manuel Fernandes, que era meu amigo, estava no Portsmouth e perguntou ao treinador se eu podia ir lá treinar. Era o [Harry] Redknapp. Estive lá um mês, pensei que ia ficar e não fiquei. Depois disto tudo, era setembro. Tinha um treinador que conhecia que estava no At. Cacém e perguntou se eu queria ir para lá. Mas pensei, estive uma vida no Benfica, fui à

experiência no Chelsea e Portsmouth e vou para o At. Cacém... mas tive de aceitar para jogar.

R Foi um choque?

S - Sim, foi. Nos primeiros dias, não foi fácil. Tinha carro, mas depois avariou. Tinha de ir de Campo de Ourique até à casa do treinador, no Lumiar, e ia com ele para o Cacém. Foi duro. Mas sabia que ia jogar sempre e meti na cabeça: 'em quatro anos tenho de estar na primeira liga, se não, vou fazer o que o mesmo que os rapazes do meu bairro'. Iam para a tropa. Mas sempre tive confiança que conseguia.

R Acabou por ser muito mais rápido que isso. Do At. Cacém vai para o Odivelas e depois o Rio Ave, na primeira Liga?

S - No Odivelas fizemos um jogo para a Taça de Portugal com o Rio Ave, as coisas correram muito bem e fui chamado logo. O

António Pereira era meu treinador no Odivelas e deu também muitos boas referências minhas. Puxou muito por mim e fez força para eu ir para o Rio Ave. Foi um dos treinadores mais importantes da minha carreira. Veio dar-me outra alma e a confiança de que eu precisava.

"[IR PARA O AT. CACÉM] FOI UM CHOQUE. MAS METI NA CABEÇA QUE EM QUATRO TEMPORADAS ESTAVA NA PRIMEIRA LIGA"

R Em cinco anos passa do At. Cacém para o At. Madrid. Como se explica esta ascensão?

S - Em todas as épocas aconteceu-me o mesmo. Chegava e jogava. Cheguei ao Cacém e sabia que ia jogar, era melhor do que quem lá estava. Saltei para o

"Félix no Atlético? Ali tens de correr"

R Quando o João Félix foi para o At. Madrid, o Sílvio comentou que, talvez, pudesse não ser a melhor opção, o que se confirmou. SÍLVIO - Aconteceu isso com o Félix e com o Gaitán. O At. Madrid é um clube incrível, mas com o Simeone tens de correr e não só com bola. O Félix é um talento incrível, mas para aquele treinador não ia ser. Ali tens de andar e há jogadores que têm tanta qualidade que acham que não têm de correr para os outros. Tinha de correr como correu o Torres que foi para lá com a carreira já feita ou como o Griezmann. ●

Odivelas e estava lá um lateral que era o Filipe Martins, agora treinador do Casa Pia, e pensei em aprender para depois jogar. Foi assim até ao At. Madrid. No Rio Ave fiz pré-época e comecei logo a jogar. No Sp. Braga havia o Miguel Garcia e o Elderson. Mas pensava para mim que ia aprender e mais tarde começar a jogar. Depois há o interesse do At. Madrid. Aí já me senti mais jogador.

R Mas a boa época do Sp. Braga, quando chegam à final da Liga Europa, ajudou a que o Sílvio também despertasse atenções.

S - Fiz uma grande época, mas toda a equipa fez. O Domingos Paciência montou bem a equipa.

R Como chegou esse convite?
S - No ano em que fui para lá, foi o início deste novo ciclo do At. Madrid. Eu fui em julho, em janeiro aparece o Diego Simeone.





“Ver Jesus no Sporting foi como darem-me uma facada”

R Como reagiu ao interesse para voltar ao Benfica?
SÍLVIO - As coisas tinham-me corrido bem no Deportivo e quando surgiu o interesse do Benfica fiquei muito feliz. A minha família é toda do Benfica. Foi bom regressar pela porta grande. Há uns anos tinha sido dispensado e depois regressar pela porta grande foi muito bom para mim.

R Jorge Jesus é tudo aquilo que se diz dele?
S - Foi o treinador com quem mais evolui. Treina tudo muito bem. É exaustivo no treino a nível tático e técnico. Gosta de jogadores que tratem bem a bola. Com ele evolui bastante, sentia-me muito à vontade. Apesar de não se poder estar 100 por cento confiante. Ele não te dá isso, não te deixa descontraíres. Mas as coisas saem-te naturalmente bem dentro de campo. Lembrou-me perfeitamente. Nessa época, iam para a sesta e já estava a pensar nas mensagens que ia receber. Começava a imaginar, vamos para jogo, vamos ganhar e a jogar bem, vou receber imensas mensagens darem-me os parabéns. Já acordava a pensar isso. O primeiro ano foi incrível.

R Quando ele sai, e para o Sporting, ficam surpreendidos?
S - Quando ele sai, eu ainda não

sabia se ia ficar no plantel. Mas sim, fiquei surpreendido. Todos ficámos surpreendidos. Fiquei triste, até. Não sabia que ele era sportinguista. Mas via o Jorge

“TINHA AQUELE LADO RUDE, MAS TODOS O ADORAVAM. ERA PARTE DO BENFICA. NA ALTURA, FIQUEI CHATEADO COM ELE”

Jesus só para o Benfica. Conquistou ali tantas coisas. Tinha aquele lado rude dele, mas todos o adoravam. Era parte do Benfica. Na altura, fiquei chateado com ele. ‘Não pode fazer isto’, dizia eu. Foi como darem-me uma facada. Mas depois veio o Rui Vitória. Conhecia-o muito bem. Tinha trabalhado com ele nos juniores. Fez força para eu ficar mais um ano.

R Mas as coisas não começaram a correr muito bem.
S - De agosto a novembro tive-mos 3 derrotas com o Sporting.

Supertaça, perdemos em casa e depois perdemos fora. Isso não pode acontecer no Benfica. As coisas estavam feias. Mas deu-nos força. Tudo aquilo que o Jorge Jesus foi falando do Benfica, aquela maneira dele, de que ele é que sabe, que é maior que todos, deu-nos força. Parecia que nos estava a minimizar. Fez um trabalho incrível no Benfica, mas que sem nós não se conseguia. Foi para o Sporting e não conseguimos. Fomos nós que continuámos a ganhar.

R Esse título foi um prémio merecido para o Rui Vitória?
S - Foi, foi. Fiquei muito feliz por ele. Ele merecia muito. Foi um ano sempre a ouvir aquelas bocas do Jesus. Ele não é um homem de conflito e viu-se envolvido num conflito quase diário. Quando ele ganhou foi um alívio também por aí. Foi um senhor. Poderia ter retribuído da mesma moeda, mas não. Mantive-se calmo. Foi um justo vencedor e soube ganhar. ●

“Não conseguir ir ao Mundial foi um desgosto”

R Na sua primeira época no Benfica parte a perna e isso obriga-o a viver um calvário.
SÍLVIO - Nessa época fiz 20 e tal jogos, mas fiz 3 cirurgias. No início da época foi ao menisco. Estou a recuperar, começo a jogar, a treinar e o joelho incha. Tiveram de me tirar um ferro. Depois parti a perna. Foram 3 operações num ano... e mesmo assim fiz uma grande época.

R Perde a oportunidade de ir ao Mundial. Um desgosto?
S - Sim, foi. Sempre estive nos apuramentos. Falhei o europeu por causa do joelho. Sou operado em abril de 2012 e o Europeu é nesse ano. Depois parto a perna em abril e o Mundial é logo a seguir. Quando parti a perna, a primeira coisa que me veio à cabeça foi que ia falhar o Mundial. Não me recordo se tive muitas dores. A minha maior tristeza foi essa. Mas tive uma grande sorte na altura, que foi o nascimento do meu filho em maio. Não me deixou ir abaixo. ●

As contratações que fizeram fui eu, o Falcão, o Diego Ribas... O At. Madrid a partir daí começou a voar. O interesse chegou cedo. Fiz uma boa primeira volta no

estatuto. Receberam-me todos muito bem. As coisas começaram a correr-me bem. Comecei a jogar..., a jogar bem. Sentia que já tinha uma certa moral ali.

R Diego Simeone chega a meio da época, numa altura em que estava lesionado.
S - Sim, já há um mês e meio. Uma lesão grave no joelho. Foi muito chata na minha carreira. Ele chega e não há lateral-direito e adaptou o Juanfran. Nos primeiros jogos foi um desastre. Ele não gostava de ser lateral. As coisas não lhe saíam bem e sentia que as pessoas estavam ansiosas para que eu voltasse. Mas não me sentia bem. Começo a treinar um mês depois do Simeone chegar, mas não estava bem. Acabo por ser operado em abril, no Porto. O Simeone ainda me meteu em alguns jogos. No final da época, fazemos uma via-

“IA FICAR COM POUCO ESPAÇO NO AT. MADRID E SURTIU O INTERESSE DO PSG..., MAS CHUMBEI NOS TESTES MÉDICOS”

gem à Colômbia, fazemos alguns jogos e as coisas até me correram bem, apesar de nunca mais me sentir bem do joelho. E o Simeone disse que contava comigo para a próxima época.

R O problema estava resolvido?
S - Não, o joelho nunca mais ficou o mesmo. Depois da operação, sentia o joelho instável. Doía-me. Sou operado e a recuperar sem esses sintomas, mas num treino há uma bola que bato com o pé esquerdo e voltei a sentir tudo o que sentia antes da operação. Foi um desânimo total. Pensei, o que vou fazer? Tenho 24 anos. Não sei o que



vou fazer mais. Podia desistir. Batia muito com a esquerda e senti que não havia nada mais a fazer. Tinha de me adaptar à dor. Deixei de bater com o pé esquerdo, nem passava a bola com esse pé. Ninguém sabia disso. Foram dois anos de adaptação.

R A pouca utilização na segunda época no At. Madrid leva-o ao Deportivo?
S - Antes de meter lesionado, havia o interesse do PSG. Logo a seguir lesiono-me. Mas falei com o Leonardo, o diretor desportivo e havia a possibilidade de ir para lá. Sentia que ia ficar sem grande espaço no At. Ma-

drid, mas não me sentia bem em ir para lado nenhum. Mas surgiu novamente o interesse do PSG para fazer um ano de empréstimo com opção de compra. Falei com o Leonardo, na altura, e viajo para Paris, mas chumbei nos exames médicos. O joelho não dava. Doía-me. O doutor mexia e eu fazia caretas. Nunca fui de disfarçar nada. Sempre fui muito claro, mas sabia que estava ali um bom contrato para mim. Mas doía-me, não ia mentir, a dizer que estava bem e chegava amanhã e não conseguia chutar de pé esquerdo. Regressei ao At. Madrid. Por incrível que pareça, viajo para Paris com o Simeone contrariado, não queria que eu fosse. Até me chateei com ele. Fui numa quinta-feira, despedi-me de toda a gente e voltei na sexta-feira. Por incrível que pareça, foi a pessoa da estrutura de quem senti mais apoio. Esperava que me fosse encostar a época toda, mas não. Deu-me uma palmada no rabo e disse: ‘Vamos trabalhar’. Deu-me confiança, ajudou-me. Na Supertaça Europeia estava no banco e dois dias antes tinha vindo de Paris. Não tenho razões de queixa. ●

FESTA PELA SUBIDA AO CAMPEONATO DE PORTUGAL

Renascer após o pesadelo

Oito anos depois de ter encerrado portas devido a problemas financeiros, clube minhoto está de regresso aos campeonatos nacionais



RIBEIRÃO

DIOGO MATOS

R O ditado diz que “o importante não são as quedas, mas sim a forma como nos levantamos após essas mesmas quedas” e a verdade é que o Ribeirão tem personificado na perfeição esta máxima.

Fundado em 1968, o GD Ribeirão acabou por encerrar portas em 2015 devido a problemas financeiros, sendo que, nesse mesmo ano, foi fundado o Ribeirão 1968 FC. Após começar a competir na

“GOSTÁVAMOS DE ESTAR NA 2ª LIGA EM 2026, MAS SABEMOS QUE A BOLA PODE ENTRAR OU NÃO”, VINCOU O LÍDER DA SAD

última divisão dos campeonatos distritais da Associação de Futebol de Braga, o clube foi-se reerguendo e, há duas semanas, conseguiu algo que ainda há pouco parecia muito distante: a subida aos campeonatos nacionais. O feito foi alcançado após o triunfo sobre o Ponte na finalíssima do campeonato Pró-Nacional, num cenário que, de forma natural,

deixou Pedro Faria, presidente da SAD, bastante satisfeito. “Fria-mente, acho que a nossa equipa era melhor, tínhamos individualidades acima da média para esta divisão. Depois disso, conseguimos fazer um bom coletivo, mesmo nos momentos de dificuldade a nossa equipa manteve-se equilibrada. Tínhamos uma equipa experiente e conseguimos o feito que procurávamos”, começou por contar o dirigente [na fotografia à direita] a **Record**.

O empresário, que também já foi presidente do Varzim, explicou ainda o que o levou a entrar no Ribeirão a meio da temporada passada: “Eu joguei seis anos neste clube e seis anos não são seis dias. Fui criando uma relação especial com o Ribeirão. Fui desafiado por um antigo colega meu aqui, o dr. Adriano, para pegar nisto, mas disse-lhe que só o faria se se formasse uma SAD. Caso contrário, podíamos estar aqui a fazer um trabalho e, havendo umas eleições, podia ir tudo por água abaixo. Chegou-se a acordo para que assim fosse e aqui estamos, com vontade de ajudar.” A criação da SAD, de resto, é bem vista pelo capitão Vitinha, que



destaca a capacidade que o clube tem para contratar jogadores que antes não conseguia. Filho da terra e produto da formação dos ribeirenses, o jogador, de 30 anos, passou quase toda a carreira ao serviço do Ribeirão, com exceção da meia época que passou no vizinho Trofense. Perante este cenário, a subida tem um significado especial para o camisola 17. “Claro que para mim teve um sabor especial. Partilhava o

objetivo de chegar aos nacionais com o clube porque na altura em que o Ribeirão caiu eu estava cá”, vinco, recordando os anos que antecederam o bater no fundo do poço por parte dos minhotos: “Quando cheguei aos seniores [2010/11] o Ribeirão era um clube estável e bastante respeitado no então Campeonato Nacional de Seniores. Quando apareceu a Soccer Champions [empresa que investiu no Ribeirão há cerca de

dez anos] entrou muito dinheiro e tínhamos condições que, se calhar, nem clubes da 1ª Liga tinham. No entanto, as coisas acabaram por correr mal, o dinheiro deixou de entrar e fomos por aí abaixo.”

Ultrapassados que estão os problemas, todos no Ribeirão acreditam que o clube terá um futuro auspicioso. Pedro Faria, de resto, não esconde a ambição com que encara os próximos anos. “A ideia

“QUERIA CHEGAR AOS NACIONAIS COM O CLUBE PORQUE NA ALTURA EM QUE O RIBEIRÃO CAIU EU ESTAVA CÁ”, DISSE VITINHA

é montarmos um plantel condizente com a divisão na qual vamos competir. Dito isto, vamos também estar atentos, se tivermos uma brecha e pudermos lutar pelos lugares cimeiros, não vamos abdicar disso. Gostávamos de estar na 2ª Liga em 2026, mas sabemos que, no futebol, a bola pode entrar ou não entrar. O foco agora é o Campeonato de Portugal”, sublinhou o líder da SAD. Por seu lado, as certezas de

Experiência e amizade são a base do sucesso

Apesar de o Ribeirão ter disputado os campeonatos distritais na temporada que agora finda, a verdade é que o plantel dos minhotos é composto por alguns nomes de relevo no futebol português. Nelsinho (43 anos), Nelson Agra (32 anos), Stanley (32 anos) e Rui Coentrão (30 anos) deram um grande impulso à subida de divisão, tal como explicou o presidente Pedro Faria. “Eles já foram meus jogadores na 2ª Liga, conheço-os perfeitamente. O Ruster, que também está cá, na altura foi vendido ao Portimonense por 200 mil euros e agora veio ajudar-nos seis meses para a subida. Mais do que meus jogadores, eles são meus amigos. Aqui não há grandes verbas para podermos pagar, então as amizades e o respeito que fomos conquistando tornam-se importantes. Só assim é que conseguimos ter estes jogadores”, asseverou.

Vitinha em relação à temporada 2023/24 ainda são poucas: “O meu principal objetivo era que o Ribeirão chegasse a este patamar, mas a verdade é que ainda não sei como vai ser para o ano. Se o clube começar a treinar de manhã vai ser mais complicado para mim, uma vez que trabalho. Vamos ver... Se não der para continuar a jogar, vou apoiar o Ribeirão como fiz até aqui. Vai ser um campeonato difícil, mas acredito que o clube estará preparado”.

Taça dos Campeões do Minho
Apesar de António Miranda, treinador responsável pela subida, ter deixado o Ribeirão há poucos dias por “divergências em relação à forma como o projeto era visto”, tal como explicou Pedro Faria, os ribeirenses têm ainda um troféu para disputar em 2022/23: a Taça dos Campeões do Minho, face ao Limianos. A final está agendada para 18 de junho e, enquanto Vitinha defende que será um jogo para o plantel desfrutar e tentar dar mais brilho a uma época já de si bastante positiva, Pedro Faria venceu o desejo de ver em ação alguns jogadores que tiveram menos minutos.

TÓ ROCHA TREINADOR-ADJUNTO

“Nunca nos escondemos do objetivo da subida”

Depois de duas derrotas nas cinco primeiras jornadas do campeonato, a SAD do Ribeirão optou por mudar de treinador, tendo António Miranda assumido o comando da equipa. Apesar de, tal como referido anteriormente, o técnico já ter saído, o adjunto Tó Rocha manteve-se nos ribeirenses e desvendou os segredos do sucesso da equipa. “O projeto em si era diferente do que se costuma ver. O presidente avisou-nos desde início que era para subir. Tinha jogadores com quem me cruzei no Varzim e a equipa era muito boa, não foi difícil fazermos um bom campeonato. Claro que tivemos fases menos boas e as outras equipas também têm valor, mas ficámos nos quatro primeiros com alguma tranquilidade. Nunca fugimos do objetivo, sempre dissemos que era para subir e não apenas para tentar”, venceu o treinador de guarda-redes, que considerou ainda que os triunfos

algo desnivelados que a equipa conseguiu na fase de apuramento de campeão foram algo “um bocado fora do normal”. Elogiando o trabalho feito pelo colega António Miranda e as condições que o Ribeirão possui a nível de infraestruturas, Tó Ro-

“VOLTAMOS A SENTIR AS PESSOAS UNIDAS À VOLTA DO CLUBE”, DESTACOU O TÉCNICO DE GUARDA-REDES

cha, atualmente com 50 anos, destacou ainda a festa no dia da subida: “Foi ótimo ver a alegria das pessoas e o estádio cheio. O Ribeirão já esteve num patamar competitivo superior, mas agora voltámos a sentir as pessoas unidas à volta do clube. Houve foguetes, passeámos pela vila de autocarro, as pessoas vieram à porta para nos ver e para nos aplaudir.”



UNIÃO. Técnico destacou valor e capacidade de trabalho do plantel



Vitinha e Rita vão casar

História de amor nasceu no clube

O dia 28 de maio de 2023 ficará para sempre na memória do capitão Vitinha. Além da subida do Ribeirão aos campeonatos nacionais, o capitão pediu ainda a namorada Rita, com quem está há 11 anos, em casamento. Tudo isto em pleno relvado do Estádio do Passal, logo após o empate com o encontro que ditou a promoção dos minhotos. “Já há dois, três anos que dizia aos meus colegas e equipa que, quando subíssemos ao Campeonato de Portugal, a pediria em casamento. Como correu bem na primeira mão da final, muitos vieram logo fazer pressão junto de mim. Eu disse que estava tudo preparado e, felizmente, correu bem” sublinhou o jogador. O pedido de casamento foi amplamente difundido nas redes sociais, num cenário que, confessa Rita, ‘assustou’ um pouco o casal: “Nós não temos redes sociais, portanto não estávamos

à espera das proporções que isto tomou. A ideia era isto ficar entre amigos, mas de repente estamos em todo o lado e recebemos os parabéns de toda a gente.” Apesar disso, a jovem, cujos irmãos também jogaram no clube, não esconde que a alegria pela forma como o pedido se processou. “Fez todo o sentido o pedido ter sido depois de um jogo do Ribeirão porque nós conhecemos-nos numa festa do Ribeirão. Mais tarde começámos a namorar e a verdade é que eu sempre fui adepta do Ribeirão, portanto ter o meu namorado como capitão do clube da minha terra é um motivo de grande orgulho”, sublinhou. Perante todo este cenário, fica agora uma dúvida no ar: será que o casamento só se efetivará quando os ribeirenses subirem à Liga 3? “É uma boa ideia”, respondeu Vitinha, com risos e um tom de brincadeira à mistura.

EX-JOGADORES DO CLUBE

Pizzi e Ederson na lista de ilustres

Quem entra no balneário do Ribeirão pode ficar confuso com o facto de uma das paredes conter o nomes de vários jogadores de renome, mas a explicação é assim. Há alguns anos, o clube minhoto era visto como um ‘trampolim’ que ajudava jovens a atingir patamares superiores, sendo muitos os atletas da alta roda do futebol português (e até europeu) que passaram pelos ribeirenses. Ederson, atualmente no Manchester City, e Pizzi, jogador do

Sp. Braga são dois dos casos mais mediáticos, sendo que Vitinha chegou mesmo a cruzar-se com o guarda-redes brasileiro em 2011/12. “O Ederson chegou aqui ainda era júnior, mas pegou de estaca e toda a gente viu que era um guarda-redes com capacidade para singrar no futuro. Foi para o Rio Ave e depois foi sempre a subir. Está onde está com muito mérito. Toda a gente conhece o Ribeirão pelos jogadores que passaram aqui e chegaram a um patamar superior,

acredito que a partir daqui pode voltar a acontecer”, frisou o atual capitão. Jogadores como Nadjack (internacional pela Guiné-Bissau), Nivaldo (internacional por Cabo Verde), André Moreira, Arsénio, Vítor Bruno, Tiago Mesquita, Pedro Trigueira e Bura (todos internacionais jovens por Portugal) mos-



Memórias eternizadas

tram bem a capacidade que o Ribeirão tinha para produzir, desenvolver e projetar juventude com talento.

ANTIGO INTERNACIONAL FRANCÊS É A CARA DO MYFC, DETENTORA DE 90% DO ESTRELA AMADORA

"ESTE PROJETO É A MINHA CASA"

PATRICE EVRA

Ex-craque revelou proximidade na Reboleira e elogiou o futebol português

DANIEL SOUSA*

Nome incontornável do futebol mundial, Patrice Evra é um dos rostos da MYFC, empresa que recentemente adquiriu 90% da SAD do Estrela Amadora. O antigo futebolista esteve presente na 1.ª mão do playoff de Acesso à Liga Portugal bwin, frente ao Marítimo, que os amadorenses venceram por 2-1, e falou do que sentiu num Estádio José Gomes completamente lotado.

"O sentimento de fazer parte deste projeto é incrível. As pessoas estão aqui de coração. Sinto que já é a minha casa. Quando chego aqui penso em quando era mais novo e não tinha nada. As pessoas aqui são trabalhadoras. São sérias e íntegras. Estou muito conectado com este estádio", assumiu o antigo lateral-esquerdo, em bom português. "A minha mãe é cabo-verdiana", explicou, antes de abordar o talento no futebol profissional português.

"Quando olhas para os jogadores portugueses, têm sempre muita qualidade, como Ronaldo, Nani, Bruno Fernandes... O campeonato português também tem muita



"OS JOGADORES PORTUGUESES TÊM SEMPRE MUITA QUALIDADE E VAMOS FAZER CHEGAR AINDA MAIS DESSE TALENTO"

qualidade, é muito difícil", disse, recordando os vários embates contra emblemas portugueses: "Quando estava no Manchester United e jogava contra as equi-



ILUSTRE. Um nome incontornável da história recente do futebol, Evra mostrou total compromisso com projeto na Reboleira

pas portuguesas na Liga dos Campeões era sempre muito complicado. Têm muito talento, mas agora vamos fazer chegar ainda mais."

Para o presidente do Estrela Amadora e sócio cofundador da MYFC, Paulo Lopo, a presença de um jogador como Patrice Evra no grupo é de especial relevância, destacando a personalidade do francês. "O Evra, também pela forma de ser dele, vive isto com muita intensidade, é muito engraçado", começa por explicar, afirmando que há outros jogadores envolvidos no projeto, como investidores minoritários: "Como é um projeto desportivo, é normal que atraia muitos jogadores. O Patrice é que traz a maioria dos outros jogadores", afirmou.

Paulo Lopo quer mais formação.

O projeto para o Estrela Amadora, afirma o presidente da SAD tricolor, passa por "conduzir o clube à primeira liga e num curto prazo torná-lo dos seis melhores clubes nacionais". Mas há outros investimentos previstos. "Queremos ser um clube de formação. Estamos em negociações com a

Câmara Municipal de Sintra para a criação de um centro de formação com uma unidade hoteleira, que será utilizado pela equipa profissional e pelos conjuntos de formação, que ficará a 17 minutos do nosso estádio", explicou, planeando também renovações no mesmo. "Projetamos uma arena desportiva, que receba eventos e que esteja também virada para a cidade. Queremos também criar uma arena para EGaming, que seria única na nossa região da Europa", acrescentou.

Paulo Lopo explicou ainda que o projeto da empresa tecnológica vai além do investimento nos amadorenses. "O Estrela Amadora é o primeiro clube do grupo, mas a MYFC quer adquirir mais quatro clubes. No Brasil, na Ásia, em África e no segundo escalão dos Estados Unidos", assume, destacando ainda uma "plataforma de blockchain [aposta tecnológica] que espera ser implementada pelo clube até final do ano: "Tornará a gestão mais transparente. Queremos também criar um sistema de tokens que dá a possibilidade aos adeptos de decidirem e serem uma voz ativa no clube." * LIGA PORTUGAL

21 títulos em três países

Depois de fazer a formação no futebol francês, entre Brétigny e Paris Saint-Germain, Patrice Evra começou uma carreira recheada de sucessos em 1998, quando tinha apenas 18 anos. Os primeiros passos no futebol sénior foram no Marsala, clube italiano, tendo na temporada seguinte rumado ao Monza. Em 2000, regressa a França, atuando em duas temporadas no Nice antes de ser transferido para o Mónaco, em 2002, onde, na época inaugural, conquista o primeiro título da carreira: a Taça da Liga Francesa. Em 2004, estreou-se com a camisola da seleção principal francesa, com a qual cumpriu 81 encontros, participando em três fases finais de Europeus e em duas de Campeonatos do Mundo, tendo alinhado na final do Euro 2016 que a França perdeu frente a Portugal.

No mercado de inverno de 2006, o Manchester United paga oito milhões de euros pelos seus serviços e rumou ao clube onde atingiu o estatuto de lenda: até 2014, conquistou uma Liga dos Campeões, um Campeonato do Mundo de Clubes, cinco Ligas Inglesas, quatro Supertaças Inglesas e três Taças da Liga de Inglaterra. Seguiu-se uma passagem pela Juventus, em que somou para o palmarés um tri-campeonato italiano, duas conquistas na Taça de Itália e outra na Supertaça. Atuou ainda no Marselha e no West Ham até que, na época 2017/18, decidiu pendurar as botas. ●

Em 2021 foi lançada a autobiografia de Patrice Evra, intitulada "I Love This Game" ("Eu Amo Este Jogo"), mote que o antigo lateral adotou desde que deixou os relvados nas suas mensagens e nas redes sociais, criando uma linha de merchandising aliada ao lema. O "jogo", nas palavras do próprio quando apresentou o livro, não é apenas futebol, mas sim a vida em si. O livro retrata a fenomenal car-

"I Love This Game" é lema de vida e autobiografia

reira do antigo internacional francês, abordando a era dourada deste século do Manchester United, em que jogou ao lado de nomes como Cristiano Ronaldo, Ryan Giggs, Paul Scholes ou Wayne Rooney, mas reflete também os episódios polémicos e a complexa vida de Evra.

Evra aborda como o futebol o salvou de uma vida de gangues e crime nos subúrbios de Paris; os casos de racismo de que foi alvo, em particular a disputa acesa que ultrapassou com o internacional uruguaio Luis Suarez; o seu papel na greve realizada pelos jogadores franceses no Mundial de 2010 e o

episódio em que se envolveu num confronto com um adepto do Marselha. Existe, na obra, espaço ainda para falar de relações pessoais com grandes figuras do futebol, como Sir Alex Ferguson, seu treinador no Manchester United, ou Paul Pogba que, segundo o próprio, o trata por 'Tio Pat'. ●

MOTORES



RENAULT ESPACE

Valores da família



Sexta geração do modelo francês tem configuração SUV e unidade motriz 'full-hybrid' de 200 cv

PAULO RENATO SOARES

As primeiras unidades do novo Renault Espace chegam a Portugal em setembro e esta 6.ª geração do modelo francês é mais um exemplo dos valores da família na indústria automóvel. Não apenas porque se trata de automóvel com 7 lugares, mas também porque é o mais recente elemento da linhagem iniciada em 1983 e porque, muito importante, partilha componentes e

tecnologia com modelos como o Austral ou o futuro Rafale – revelado ao vivo já esta semana em Paris.

Cinco gerações e mais de 1,5 milhões de unidades depois, o Espace entra no 'admirável mundo novo'. Deixa de ser um monovolume e passa à categoria de configuração SUV. Mantém o compromisso da utilização familiar (é por isso que propõe 7 lugares) e não faz concessões em aspetos como versatilidade, conforto a bordo e a segurança – 22 sistemas ADAS.

Em termos práticos, a Renault utilizou a mesma plataforma (CMF-CD) que serve o Austral; escolheu a motorização 'full-

hybrid' também presente no 'Carro do Ano 2023' em Portugal e até nem fez alterações no posto de condução. Mantém-se por isso o 'L' invertido que agrega painel de instrumentos e ecrã tátil (OpenR Link). Este permite controlar informação, entretenimento e definir modos de condução – sistema 'Multi-Sense'.

O novo Espace é maior do que o Austral (mais 21 cm de comprimento) e esse facto permite maior desafogo no interior. A segunda fila de bancos (recolhem 60/40) pode avançar até 22 cm – libertando capacidade na bagageira ou permitindo a 'subida' dos dois lugares traseiros, razoá-

veis para adultos numa viagem curta.

Disponível em três níveis de equipamento, todos com sistema '4Control' (rodas traseiras direcionais), o Espace é servido por motorização híbrida que alia bloco a gasolina 1.2l a motor elétrico e motor-gerador para potência combinada de 200 cv. O sistema utiliza caixa de velocidades automática multimodal, capaz de 15 combinações diferentes, adequando-se ao estilo de condução. Os consumos anunciados rondam os 4,6l/100 km, mas a experiência nas estradas junto ao Douro e na cidade do Porto determinou valores superiores. ●

TÉCNICA

Motor	3 cilindros/12 válvulas/gasolina
Cilindrada (cc)	1199
Potência (cv/rpm)	130/4500
Binário (Nm/rpm)	205/1750
Potência motor elétrico + motor-gerador (cv)	95
Potência combinada (cv)	200
Capacidade da bateria iões lítio (kWh)	20,8
Velocidade máxima (km/h)	175
Aceleração 0-100 km/h (seg)	8,8
Consumo misto (l/100 km)	4,6
Emissões CO2 (g/km)	102
Capacidade do depósito (l)	55
Capacidade da bagageira (l) (versão 7 lugares)	159-1714
Comp/Larg/Alt (m)	4,722/1,843/1,645
Peso (kg)	2055
Preço (€)	a partir de 45.500*

*valor para a versão Techno. Há mais dois níveis de equipamento: Esprit Alpine (€48.300) e Iconic (€50.300)

ENTRA EM AÇÃO NO PRÓXIMO ANO

Volvo aposta no pequeno EX30

As encomendas já abrem, mas só no início do próximo ano é possível aos primeiros clientes receber o novo Volvo EX30. O mais recente modelo da marca sueca integrada no grupo chinês Geely é também o mais pequeno SUV da Volvo e, naturalmente, só está disponível com motorização 100 por cento elétrica. Revelado na semana que passou,

o EX30 tem missão entendida como crucial para a Volvo: trazer novos clientes, ao mesmo tempo que demonstra ser possível propor modelo elétrico por um preço, digamos, acessível. A versão de entrada vai custar 37.900 euros em Portugal. O EX30 tem 4,233 metros de comprimento e será proposto em três versões. Duas com mo-

tor elétrico no eixo traseiro e 272 cv de potência e uma com dois motores (um em cada eixo) e 428 cv. Esta versão tem bateria com 69 kWh de capacidade, enquanto a versão de entrada utiliza bateria de 51 kWh. As autonomias anunciadas começam nos 344 quilómetros e podem chegar aos 480 km.





Filipe Alexandre Dias
Editor executivo

ANTESQUESEJA 2.^a FEIRA



OLADO PSICOLÓGICO

Gaspar Ferreira
Ordem dos Psicólogos
Portugueses

West Ham: o clube de metal que vai limpando a ferrugem

R Há quem diga que Birmingham, cidade industrial onde o ruído fabril faz parte da consciência coletiva, é a capital do heavy metal. Da segunda maior cidade do Reino Unido saíram bandas seminais como Black Sabbath e Judas Priest, cujos membros são adeptos do Aston Villa, Wolverhampton ou West Bromwich Albion. Mas, em Londres, o West Ham, vencedor pintado de fresco da Liga Conferência, é o emblema com martelos no símbolo, na alma. E Steve Harris, baixista-líder dos Iron Maiden, é o mais conhecido dos seus adeptos. E os 'hammers' voltaram a fazer o metal soar pela Europa, regressando aos títulos 43 anos depois. E tanto que os 'irons' têm 'enganado' o seu apaixonado público...

Fundado à beira da confluência dos rios Lea e Tamisa pela última empresa que ali se dedicou à construção naval, o West Ham United passou a chamar-se assim em 1900, nascendo das cinzas do Thames Ironworks FC, fundado cinco anos antes. Era a equipa dos trabalhadores dos estaleiros, que venceu a West Ham Charity Cup. Com o fim dos Ironworks, o clube adaptou o nome da região londrina onde jogou e ganhou o primeiro troféu da sua história. Foi o primeiro... de poucos.



Poucos, porque a tradição do West Ham é muita. Os martelos disputaram a primeira final da Taça de Inglaterra jogada em Wembley (1923), perdida para o Bolton, e cimentaram uma base de apoio local que só

fica atrás das de Arsenal, Tottenham e Chelsea. Mas os troféus fugiam-lhe. Só em 1964, com a lenda Bobby Moore no topo, o West Ham venceu a primeira FA Cup, seguida, na época seguinte, da Taça das Ta-

ças. Foi a época de ouro dos 'hammers' e quem durante os 'sixties' se apaixonava pelo clube julgava que seria sempre assim...

Apesar de terem, Geoff Hurst e Martin Peters, além do capitão Bobby Moore, como campeões do mundo de 1966, os londrinos só voltaram a ganhar a Taça em 1975 e 1980. Quem acordava na altura também pensava que seria sempre assim...

Mas o principal rosto do West Ham passou a ser um músico. Steve Harris, que tentou ser futebolista, colou o símbolo dos 'hammers' no seu baixo e levou-o pelo mundo que conquistou com os Iron Maiden, senhores do heavy metal.

Formador, o West Ham passou a ser a 'academia do futebol', gerando Rio Ferdinand, Joe Cole, Frank Lampard, Michael Carrick, Jermaine De-foe. Mas todos os diamantes se perderam para os rivais.



Sem nunca terem sido campeões ingleses, os 'irons' passaram a subir e descer de divisão, até mudarem o 'chip' com David Moyes no banco. O sucesso voltou agora e a mensagem mais badalada de euforia foi de... Steve Harris. Quem desperta agora ao som metálico dos 'hammers' acha que vai ser sempre assim. Se calhar, desta até vai... ●

Duas datas para lembrar

R No dia 4 de junho tivemos a final da Taça de Portugal e o FC Porto, num jogo bem disputado com o Braga, conquistou o seu 19.º troféu nesta competição tão especial. Três dias depois, no dia 7, o FCP colocou em vigor um Código Ético, que servirá de Manual de Conduta nos negócios e no desporto.

No documento, o clube assume um forte compromisso com os valores e princípios baseados na ética, na responsabilidade e no profissionalismo, aderindo plenamente ao espírito desportivo e comprometendo-se ativamente na luta contra a violência, a discriminação, a corrupção e a deslealdade. Com este Código, o FCP fortalece a sua imagem e reputação, mostrando-se como uma referência

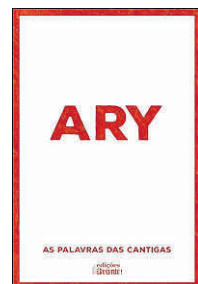
É ESSENCIAL QUE OS DIRIGENTES ATUEM COMO AGITADORES DE SENTIMENTOS POSITIVOS

não apenas no plano desportivo, mas também como uma instituição comprometida com valores e princípios sólidos.

Fernando Pessoa dizia que "são os sentimentos que conduzem as sociedades, não as ideias" e que "as sociedades são conduzidas por agitadores de sentimentos, não por agitadores de ideias". É essencial, por isso, que os dirigentes e todos os que atuam numa competição atuem como verdadeiros agitadores de sentimentos positivos no desporto, promovendo o respeito mútuo, a solidariedade e a integridade. As datas de 4 e 7 de junho, a brilhante vitória na Taça de Portugal e a implementação do Código de Ética têm se ser lembradas como momentos de inspiração para futuras conquistas, dentro de um marco de competição e de convívio saudável com todos os interlocutores desportivos.

A PROPÓSITO DE NADA

A revolução da palavra



Inconformado, talentoso, polémico, disruptivo, intensamente de esquerda e apaixonado, José Carlos Ary dos Santos (1937-1984) é um nome maior da cultura portuguesa da segunda metade do século XX. O poeta e declamador foi um esteta da palavra e as edições 'Avante!' - Ary foi

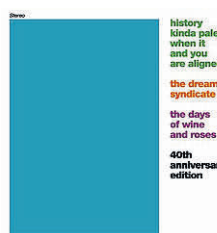
militante do Partido Comunista Português - reeditaram as antologias 'Obra Poética' e 'As Palavras das Cantigas'. Todas as oportunidades são boas para (re)descobrir um autor único e um personagem incontornável, por ninguém ignorado.

Sonhos de ferro



ARNOLD
O mundo conhece Arnold Schwarzenegger, o ator de fama estratosférica de papéis estereotipados, o campeão planetário de culturismo, o político que governou a Califórnia, o mais rico estado da América, mas poucos lhe conhecem a verdadeira história. Em três episódios, fica-se a saber tudo: os sonhos de conquista do mundo desde a bucólica aldeia austríaca de Thal, a ambição, os sucessos, os podres, as conquistas, as traições e a concretização do clássico sonho americano. Na primeira pessoa. Sem filtro.

40 anos de vinho e rosas



Uma das principais bandas da cena alternativa norte-americana e talvez aquela que melhor definiu o movimento californiano 'paisley underground', os The Dream Syndicate eternizaram-se com este seu primeiro 'long-player'. The Days of Wine and Roses' envelheceu bem, tal como o vinho do título indica, e não murchou como acontece às rosas. A edição comemorativa do 40.º aniversário do lançamento do álbum está cheia de tesouros desenterrados e não é só para colecionadores. É também para desconhecidos.